
ESTILO DE VIDA URBANO E MODERNIDADE

Gilberto Velho

Um dos temas centrais e clássicos na literatura sobre cidades é a caracterização de um *estilo de vida urbano*. Weber, Simmel, Park, Wirth, Redfield, entre outros, desenvolveram reflexões sistemáticas que até hoje são referências importantes. Na passagem do século XIX para o século XX, no entre guerras e nos anos que se seguiram à Segunda Grande Guerra, foram produzidos trabalhos em várias áreas das ciências sociais cuja preocupação principal era a caracterização do *urbano*, contrastado com o campo, com o meio rural, com o mundo *folk* etc. O impacto e os efeitos da cidade moderna na vida da sociedade e dos indivíduos mobilizava, como se sabe, não só o mundo acadêmico universitário, mas a *intelligentsia* em geral.

Autores como Joyce, Musil e Proust retomavam temas e problemas veiculados, pioneiramente, na literatura por Balzac, Dickens e Baudelaire, impressionados com a complexidade e os mistérios da grande cidade. Poder-se-ia enumerar centenas de escritores, críticos, artistas de vários tipos e orientações que nos últimos 150 anos lidaram, de modo ex-

plícito, com a *questão urbana*. Esta tem sido apresentada ora como fonte inesgotável de problemas, ora como notável progresso na evolução social mas sempre como um grande desafio. Muitas vezes, mesmo nas ciências humanas, não fica claro, exatamente, de que cidade se fala.

Nas generalizações mais ambiciosas podemos encontrar Atenas do século IV a. C. ao lado de Paris do século XVIII, de Bagdá de Harun Al-Rachid, de Roma de Augusto e de Nova York contemporânea. Irei me concentrar aqui na grande cidade do mundo moderno contemporâneo, associada ao desenvolvimento do capitalismo e da Revolução Industrial. Esta opção ficará mais justificada no decorrer deste artigo, mas está essencialmente vinculada a uma preocupação com uma *teoria da cultura*.

O ponto fundamental da minha análise é que, paralelamente a uma reorganização do espaço, às transformações na economia e na vida política, a metrópole contemporânea,¹ na sua constituição e natureza, está indissolivelmente associada a modos específicos de recortar e construir a realidade. Ela é consequência

e, simultaneamente, causa de novas visões de mundo, com concepções particulares de tempo, espaço e indivíduo. Sabemos, através de trabalhos como os de Thompson, Elias e Foucault, que a Revolução Industrial e o Estado moderno, na sua emergência e consolidação, instituíram complexos sistemas de controle e disciplinamento, traçando novos mapas de orientação sociocultural, por sua vez associados a modelos específicos de individualidade.

A cidade tornou-se o *locus*, por excelência, dessas mudanças não como receptáculo de novas formas de sociabilidade e interação social, de modo genérico. A explosão demográfica, resultado de mudanças sócio-econômicas, com progressos médicos e sanitários, multiplicou muitas vezes em curtos períodos de tempo o número de habitantes dos principais centros urbanos. As correntes migratórias e os diversos deslocamentos de população alteraram a relação tradicional entre cidade e campo. A divisão social do trabalho, com novas regras e características do capitalismo em ascensão, destruiu modos de vida tradicionais, alterando drasticamente tanto as estruturas sociais como o ambiente natural. As sucessivas inovações econômicas e tecnológicas, aceleradas a partir do século XVIII, cujas origens recentes remontavam, pelo menos, aos séculos XV e XVI, geraram um processo inédito de globalização ao estabelecerem vínculos econômicos, políticos e culturais entre quase todas as grandes regiões do planeta.

As cidades, sobretudo, por suas atividades comerciais e industriais, constituíram-se nos pontos de articulação dessa grande rede que passou a conectar esferas diversificadas da vida social de sociedades distantes, geográfica e culturalmente, umas das outras. Este processo, iniciado com a expansão marítima européia, não provocou a homogeneização

das sociedades mas aproximou-as através de um complexo sistema de trocas que, tendo o mercado como motor básico, de fato propiciou interações dos mais diferentes tipos. Estas se deram não só através de mecanismos econômicos e comerciais mas também graças ao contato, geralmente difícil, entre universos simbólico-culturais dramaticamente distintos.

Como sabemos, esses encontros em poucos casos foram efetivamente pacíficos, gerando confrontos de grande violência nos planos econômico, político, militar e cultural. Assim, tanto internamente nas sociedades pioneiras da Revolução Industrial como na sua expansão planetária, o capitalismo moderno associa-se a mudanças significativas em todas as esferas da vida social.

Insisto que este movimento não significou homogeneização mas mudanças, ou mesmo o surgimento de novas relações internas às sociedades e entre sociedades distintas. Neste processo grupos sociais ou até sociedades inteiras entraram em colapso enquanto outros se expandiam e fortaleciam. Certamente foi uma das maiores transformações na história da humanidade, e é neste quadro que se desenvolvem as metrópoles moderno-contemporâneas.

No terreno dos costumes e das mentalidades, ou da cultura de um modo mais sintético, assistimos à convivência e, constantemente, ao confronto de visões de mundo diferenciadas, quando não antagônicas. Todavia, no decorrer do processo de interação entre mentalidades e/ou culturas particulares, ao lado de inegável destruição material e simbólica, produzem-se combinações e transculturações, nos termos de Orúz, geradoras de novos significados e temas culturais.

Para compreender a complexidade e dinamismo desses fenômenos que se desenvolvem de modo especialmente intenso nas grandes cidades, urge superar uma visão linear e unidimensional da

cultura. Os domínios da economia, da política, da religião etc. não se encontram organizados em fila indiana ou em camadas geológicas ou em compartimentos estanques. Até mesmo a noção de níveis da realidade pode produzir uma imagem perigosamente esquemática dos processos socioculturais. Estes se dão e criam múltiplos planos e dimensões com maior ou menor grau de autonomia, embora dificilmente esta possa ser concebida como completa. Correspondem a ritmos, direções e modos de atenção distintos em relação à vida em geral.

William James e A. Schutz, por exemplo, são autores que ajudam a pensar a realidade em geral, mas particularmente a sociocultural, como composta de *múltiplos domínios ou realidades*. A grande cidade não inaugura a heterogeneidade. Todavia, associada ao capitalismo e à Revolução Industrial, apresenta-se como *locus* paradigmático da diferenciação de domínios e papéis sociais.

O *estilo de vida urbano* moderno-contemporâneo leva ao paroxismo os mecanismos universais de diferenciação, base da vida social. A interação intensa e permanente entre atores variados, circulando entre mundos e domínios, num espaço social e geograficamente delimitado, é um dos seus traços essenciais. Reitero que este processo, por sua vez, só pode ser compreendido associado à formação de um mercado mundial, à expansão da moeda como meio de troca universalizante e, em geral, à ampliação do horizonte de trocas materiais e simbólicas.

Sem diferenças não há base para interação em qualquer nível. Mas para haver comunicação entre os diferentes, geram-se instrumentos econômicos, políticos e simbólicos. Portanto, é fundamental não confundir comunicação com homogeneização, sob pena de sacrificar a compreensão dos mecanismos mais elementares da vida em sociedade.

A divisão social do trabalho é o motor principal da especialização e do surgimento de tarefas, carreiras, profissões, atividades e papéis que aumentam numericamente e ampliam, qualitativamente, o quadro de alternativas. De certa forma, confirma-se a idéia de maior *liberdade* nos grandes centros urbanos, diante do controle social abrangente das aldeias, vilarejos e pequenas cidades. Esta liberdade tem, no entanto, contrapartida no anonimato, mesmo que relativo (ver Velho e Machado, 1977), e na fragmentação da experiência social. Nos termos de Simmel, encontramos na metrópole um extraordinário desenvolvimento da *cultura objetiva*, das realizações e recursos materiais, em flagrante desequilíbrio com a *cultura subjetiva* (Simmel, 1903). Esta, em períodos e sociedades de menor desenvolvimento material, econômico e tecnológico, poderia apresentar-se de modo mais pleno ou mais equilibrado em relação à *cultura objetiva*.

Já se anunciava, portanto, em Simmel no início do século, a problemática da *fragmentação*. Na sociedade moderna o alto nível de especialização se, por um lado, aumenta a aparente liberdade de escolha, por outro, diminui, no mundo do trabalho, o campo possível de experiências individuais. Para Simmel, a empresa capitalista e a economia monetária fracionam as atividades produtivas em *n* etapas e ocupações, retomando, em outro plano, a problemática da *alienação*. A possibilidade de reconhecer-se e identificar-se com o produto, como na tradição artesanal, toma-se inviável no mundo da sociedade urbana industrial. Nada, no entanto, é simples. A metrópole moderna oferece a possibilidade de transitar entre vários mundos e esferas diferenciadas. A fragmentação do trabalho tem, como outro lado da moeda, o desenvolvimento de áreas e domínios especializados de sociabilidade, lazer, crença religiosa, atividade política etc. O relógio,

elemento central da cidade contemporânea, juntamente com a reorganização do espaço social, sublinha e reforça as fronteiras entre mundos não só distintos mas até estranhos uns aos outros.

Proust e Musil, por exemplo, captaram magistralmente a coexistência, às vezes semiclandestina, de estilos de vida particulares. Estes são gerados a partir do trânsito maior ou menor entre domínios e esferas mais ou menos legitimados.

O enfraquecimento da dimensão holista e hierarquizante da sociedade acompanha o forte desenvolvimento das ideologias individualistas. Tanto para Simmel, quanto para Dumont, assistimos no Ocidente moderno a uma valorização inédita do indivíduo, erigindo-o como unidade básica da vida social, seja através da vertente igualitária, seja através da vertente da singularidade. As ideologias individualistas são variadas e complexas mas, enquanto conjunto, expressam e produzem um novo quadro de valores que se opõe à ordem hierárquica tradicional, que teve na Europa a hierarquia feudal como sistema paradigmático.

Na medida em que o capitalismo se expande pelo mundo, os individualismos se defrontarão com variados tipos de sociedades tradicionais, provocando conflitos e transculturações muito díspares. Por exemplo, na Ásia o encontro do capitalismo europeu com culturas onde o islamismo predominava teve resultados claramente distintos quando comparados com o encontro com sociedades ou grupos hinduístas. O maior ou menor grau de laicização e de autonomia da economia, a existência de mecanismos políticos mais ou menos centralizadores, o grau de xenofobia etc. são algumas das variáveis significativas a serem destacadas nesse processo.

A questão da *racionalidade*, certamente, constituiu-se em um dos pontos centrais e mais polêmicos para a análise dessas grandes transformações planetárias com

conseqüências gritantes para os dias de hoje. A moeda, como valor universalizante, constituiu-se em um instrumento uniformizador, por excelência, dos diferentes significados culturais atribuídos a bens, serviços e atividades. O cálculo econômico, apoiado no sistema monetário, atua como força niveladora intra e inter-social nas relações entre os mais diferentes atores individuais e coletivos. As cidades, com sua dimensão de mercado e de centro econômico, em geral apresentam um cenário particularmente rico para apreender a diversidade possível de alternativas socioculturais. Por mais poderosos que sejam os mecanismos de mercado e a racionalidade particular que os acompanha, a complexidade dos processos culturais e a própria heterogeneidade da sociedade moderno-contemporânea produzirão combinações, sínteses e interpretações particulares.

A constatação de que os indivíduos adquirem, contemporaneamente, uma mobilidade de identidade que lhes permite transitar entre domínios e papéis, num processo de constante *metamorfose*, relativiza o peso de racionalidades específicas em trajetórias e contextos localizados (ver Velho, 1994). Isto não significa que não atuem sobre as biografias individuais e sobre subculturas ou estilos de vida delimitados poderosas forças históricas e sociais que estabelecem tendências, direções e limites.

Ou seja, tanto a liberdade individual quanto a identidade singular de grupos situam-se num *mundo de relações* cujas fronteiras, em muitos casos, podem ser planetárias. Este jogo entre o singular e o universal, explicitado de modo dramático nos grandes centros urbanos, se dá, portanto, num *campo de possibilidades* específico. Assim, o crescimento e a difusão de ideologias individualistas, por mais vigorosas que tenham sido, não se deram de modo semelhante em culturas e grupos sociais diferenciados.

Certamente, no caso brasileiro, um dos fenômenos mais evidentes, paralelo à modernização econômica e tecnológica, tem sido o desenvolvimento de crenças e cultos religiosos ligados ao transe e à possessão. Embora não exclusivo ao Brasil, sem dúvida aqui isto tem ocorrido de forma altamente significativa, atravessando toda a estrutura social e as mais diferentes regiões do país. Este processo não se encaba de maneira fácil nos modelos evolucionistas modernizantes que se baseiam em visões lineares e homogeneizadoras, onde uma suposta racionalidade de ação econômica, associada à difusão de tecnologias de ponta, estabeleceria os fundamentos de um *estilo de vida moderno*. Esta visão de mundo, centrada na existência de um indivíduo autônomo, movido por uma racionalidade que o levaria a maximizar seus rendimentos e benefícios econômicos, colide com a observação do cotidiano de nossa sociedade. Isto ocorre, particularmente, nas grandes cidades onde, ao lado da notória desigualdade social, geradora de tensão e conflitos, as diferenças de interpretação e construção da realidade estabelecem descontinuidades culturais que repercutem em todo o sistema de relações sociais.

O crescimento das religiões afro-brasileiras como o candomblé, com seus desdobramentos, da umbanda, das diferentes seitas e igrejas protestantes em que algum tipo de transe está presente, e até o movimento carismático católico, ilustram a importância na esfera religiosa da sociedade contemporânea do que tem sido chamado de *estado alterado de consciência* (ver Bourgnignon, 1973). Seja como transe genérico, seja como possessão por espíritos de antepassados, entidades, deuses, guias, santos etc., essas crenças e cultos mobilizam dezenas de milhões de indivíduos. Ora permanecendo em um culto específico, ora transitando entre eles, fenômeno particular-

mente evidente nas cidades, as pessoas elaboram suas identidades particulares com uma forte marca religiosa. Mais especificamente, lidam e interagem nos rituais com o sagrado, utilizando uma linguagem em que o indivíduo está claramente inserido em uma rede de relações sociais e sobrenaturais. Existem diferenças importantes entre os grupos mencionados em termos de crença e adesão. Internamente, também, constata-se diferenças significativas entre os fiéis, como em qualquer religião que congregue universos numerosos e sociologicamente heterogêneos.

Considerando-se a multiplicidade de domínios, presente em qualquer sociedade, há que se reconhecer que as lógicas do trabalho e da racionalidade econômica precisam ser relativizadas para não reduzir outros domínios e lógicas a atraso, ignorância ou desvios exóticos. Vale lembrar que o crescimento de movimentos místicos, religiosos, esoterismos e crenças mais ou menos alternativas não ocorre apenas no chamado Terceiro Mundo. Eles são encontrados, cada vez mais, nos países considerados mais desenvolvidos, tanto em termos econômicos como de conquistas tecnológicas e educacionais.

Não se trata apenas de apontar a coexistência de diferentes visões de mundo e estilos de vida. É fundamental perceber como os indivíduos lidam e se deslocam entre códigos e mundos diferenciados quanto aos valores, orientações e sistemas classificatórios. Assim, quando, por exemplo, técnicos de informática, que trabalham de oito a dez horas no computador diariamente, são encontrados como fiéis em terreiros de umbanda, temos um interessante caso de participação em mundos diferenciados.² Talvez não haja nada de extraordinário nisso. Mas para os analistas que apresentam uma visão unidimensional da vida em sociedade soa absurdo e contraditório.

Não há como explicar esse fenômeno como "sobrevivência" de vetustas tradições africanas pois trata-se de processo contemporâneo agregando indivíduos dos mais variados estratos e procedências. Efeivamente estamos nos defrontando com uma demonstração da complexidade da vida sociocultural. Esta se dá sempre em múltiplas dimensões e planos. Mas é nas metrópoles e grandes cidades contemporâneas que assume maior explicitação e nitidez.

Frise-se que mesmo as transformações tecnológicas aparentemente mais revolucionárias, como as da informática, não produzem efeitos homogeneizadores para toda a sociedade. Alguns grupos e segmentos vivem mais intensamente essa mudança sem que isto signifique que desapareçam crenças e vivências de outros domínios e contextos. Além disso, grande parte da população, particularmente em sociedades heterogêneas e desiguais, é atingida muito lateralmente pelas mudanças tecnológicas que podem, aliás, constituir-se em mais um fator de desigualdade e de exclusão social.

A grande cidade não só incorpora visões de mundo e estilos de vida díspares como está permanentemente produzindo processos de diferenciação. Em última análise, ou até como ponto de partida, estará sempre criando novas realidades, dentro desse processo. A fragmentação, de um lado, é resultado de uma crise e divisão dramáticas de mundos holísticos tradicionais e, de outro, é a multiplicação de experiências e valores até inexistentes em uma ordem anterior.

O *estilo de vida urbano* contemporâneo é a expressão mais radical dos processos de individualização da modernidade, cujas origens remontam ao final da Idade Média. Nesse período de mais de quinhentos anos várias transformações significativas ocorreram em todos os domínios da vida social do Ocidente mas com uma tendência geral de acentuação

dos processos individualizantes. Estes repercutiram e tiveram conseqüências, como já foi dito, em quase todas as regiões do mundo. Resumindo, essas indiscutíveis conseqüências da expansão do capitalismo ocidental associam-se a uma visão de modernidade, assentada em concepções específicas de racionalidade e de indivíduo. Apesar da força do seu impacto, essas transformações inevitavelmente interagem com tradições culturais diversificadas. Assim, dão margem a sincretismos, combinações e reinvenções culturais, não em número infinito, mas variadas e numerosas. Em outras palavras, as crenças e valores tradicionais não desaparecem necessariamente diante da expansão das ideologias individualistas modernizantes. O fato da sociedade ser, por natureza, multidimensional e heterogênea produz alternativas e cria novos domínios.

A não-linearidade e multidimensionalidade dos processos socioculturais é maximizada nos centros urbanos cuja principal característica é a geração de *estilos de vida* e *visões de mundo* diferenciados que, no limite, levam à experiência da fragmentação. Esta não é um impedimento à vida social mas uma característica marcante, até certo ponto inédita, da modernidade. É o próprio *potencial de metamorfose* expresso, por exemplo, no caso brasileiro, entre outros, pela expansão das religiões de transe e possessão que permite viabilizar o trânsito entre domínios e a elaboração de novas formas de identidade social.

Portanto, o *estilo de vida urbano* e a modernidade são faces do mesmo fenômeno de complexificação e diferenciação da vida social, cujas principais características são a não-linearidade e a grande autonomia de mundos e domínios específicos.

A própria definição de realidade está sujeita a permanentes reavaliações em função das modalidades culturais e con-

textos particulares. Conseqüentemente há que relativizar, apesar de eventuais protestos, a própria *consciência da realidade*. Logo, por exemplo, o que denominamos de *estados alterados de consciência* podem ser compreendidos, simplesmente, como modalidades possíveis de consciência, produtos e produtoras de conjuntos de significado singulares. Estes seriam as bases de um pluralismo sociocultural contemporâneo.

Notas

1. Não estou fazendo necessariamente distinção entre metrópole e grande cidade ao entendê-las ambas como gigantescos centros urbanos que se desenvolveram, principalmente, a partir do final do século XVIII, relacionados ao desenvolvimento capitalista e à expansão industrial em quase todas as regiões do mundo. Normalmente a idéia de metrópole corresponde a um centro urbano cuja influência é de esfera nacional ou mesmo internacional. Grande cidade é uma categoria mais ampla, englobando entidades mais diferenciadas quanto ao tamanho e complexidade.

2. Informação obtida em entrevistas no Projeto *Tradições culturais e representações de poder*, por mim coordenado.

Referências bibliográficas

- BOURGNIGNON, Erika (ed.). 1973. *Religion, altered states of consciousness and social change*. Ohio, Ohio State University Press.
- DUMONT, Louis. 1966. *Homo Hierarchicus: essai sur le système des castes*. Paris, Gallimard.
- _____. 1977. *Homo Aequalis: genèse et épanouissement de l'idéologie économique*. Paris, Gallimard.
- ELLAS, Norbert. 1990. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

- _____. 1991. *La société des individus*. Paris, Fayard.
- FOUCAULT, Michel. 1977. *História da sexualidade I*. Rio de Janeiro, Graal.
- _____. 1978. *História da loucura na idade clássica*. São Paulo, Perspectiva.
- _____. 1984. *História da sexualidade II*. Rio de Janeiro, Graal.
- _____. 1985. *História da sexualidade III*. Rio de Janeiro, Graal.
- _____. 1987. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, Vozes.
- JAMES, William. 1952. "The consciousness of self", em *Principles of psychology*. The Great Books, Encyclopedia Britannica, cap. 10.
- _____. 1952. "The perceptions of reality", em *Principles of psychology*. The Great Books, Encyclopedia Britannica, cap. 21.
- _____. 1952. "Attention", em *Principles of psychology*. The Great Books, Encyclopedia Britannica, cap. 11.
- ORTIZ, Fernando. 1991 [1963]. *Contrapunto cubano del tabaco y el azúcar*. La Habana, Editorial de Ciencias Sociales.
- PARK, Robert E. 1916. "The city: suggestions for the investigation of human behavior in the urban environment", *American Journal of Sociology*, XX, p. 577-612. Tradução brasileira: "A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano", em Otávio G. Velho (org.). 1967. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, p. 29-72.
- REDFIELD, Robert. 1968. *The folk culture of Yucatan*. Chicago, The University of Chicago Press.
- SCHUTZ, Alfred. 1970-1971. *Collected papers*. The Hague, Martinus Nijhoff, 3 v.
- _____. 1979. *Fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro, Zahar.
- SUMMEL, Georg. 1971 [1903]. "The metropolis and mental life", em Donald Levine (org.). *On individuality and social forms*. Chicago, University of Chicago Press, p. 324-339.
- _____. 1971 [1908]. "Subjective culture", em Donald Levine (org.). *On individuality*

- and social forms*. Chicago, University of Chicago Press, p. 227-234.
- THOMPSON, E. P. 1966. *The making of the English working class*. New York, Vintage Books.
- VELHO, Gilberto e MACHADO DA SILVA, Luis Antônio. 1977. "Organização social do meio urbano", *Anuário Antropológico/76*, p. 71-82.
- VELHO, Gilberto. 1994. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- WEBER, Max. 1958. *The city*. Martindale e Neuwirth (org.), Glencoe, Illinois, The Free Press.
- WIRTH, Louis. 1938. "Urbanism as a way of life", *The American Journal of Sociology*, v. 44, nº 1, Chicago. Tradução brasileira: "O urbanismo como modo de vida", em Otávio G. Velho (org.). 1967. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, p. 97-122.

(Recebido para publicação em
março de 1995)

Gilberto Velho é professor titular do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional - UFRJ.